

LÁ VEM A NOIVA: CASAMENTO E FOTOGRAFIA DIGITAL NO FLICKR

HERE COMES THE BRIDE: WEDDING AND PHOTOGRAPHY IN FLICKR

Felipe Trotta*

Gabrielle Moreira**

RESUMO:

A plataforma de gerenciamento de imagens Flickr é uma vitrine do quê e como está sendo fotografado pelo mundo. A partir da análise de algumas fotografias de casamento disponíveis na plataforma é possível apontar como a fotografia digital e seu compartilhamento em rede na internet transformou a fotografia em uma ferramenta na formação da identidade de um indivíduo e de sua comunicabilidade, a qual reverbera pela sociedade visões de mundo, sentimentos, valores, e claro, papéis de gênero, especialmente em relação à noiva. A fotografia é um artefato produzido que funciona como mediador na relação que tecemos com a sociedade, a partir das estruturas e convenções sociais. A fotografia de casamento mais que um objeto-imagem, é uma maneira de ver e pensar o mundo, que elabora representações do passado, presente e futuro dentro das convenções que marcam o imaginário social e influenciam a construção do real. As milhões de fotografias etiquetadas com a tag wedding e bride nos colocam diante de padrões visuais que moldam papéis de gênero, alterando convenções e ampliando a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia digital; Casamento; Gênero.

ABSTRACT:

The website Flickr is an image management platform which works as a kind of showcase of what is being photographed around the world. Through the analysis of some wedding photos available on the platform it is possible to understand to what extent digital photography and its network sharing on the internet transformed photography into a tool that forges identities and allows communications. These networks shares not only

* Pesquisador CNPq, professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. RIO DE JANEIRO, Brasil. trotta.felipe@gmail.com

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-RJ. RIO DE JANEIRO, Brasil. gabicmoreira@gmail.com

photos but also worldviews, feelings, values, and of course, gender roles, especially in relation to the bride. Photography is a manufactured artifact that works as a mediator in the interhuman relationships, acting in structures and social conventions of society. The wedding photography, more than an object-image, it's a way of seeing and thinking about the world, which produces representations of the past, present and future within the conventions that mark the social imaginary and influence the construction of the real. The millions of photographs labeled with the tags "wedding" and "bride" share visual pattern related to gender roles in society, shifting some conventions and increasing the diversity.

KEYWORDS: Digital photography; Wedding; Gender.

INTRODUÇÃO

O casamento é uma das instituições sociais mais antigas de nossa sociedade, objeto dos mais variados produtos midiáticos, que fazem circular de forma ampla representações e ideias e imaginários sobre o ato social do casamento, materializado e publicizado fundamentalmente através da cerimônia ritual, marco de passagem que insere o casal publicamente numa outra etapa da vida, a conjugal. Tais produtos, enquanto parte da cultura da mídia,

fazem circular um conjunto de representações que atuam como presença da coletividade frente ao indivíduo. Força *externa* efetivamente, visto que nasce fora das consciências particulares, sendo o ato criador em seu campo nada mais que tradução das significações coletivas (ROCHA, 1995, p. 35).

Por isso mesmo, apresentam uma dimensão coercitiva. As representações coletivas que circulam, não são inventadas, mas sim fornecidas pela própria sociedade. Nesse sentido, o registro do evento é parte crucial dos sentidos e da importância sociocultural que o casamento assume, sendo vetores fundamentais de sua realização.

Não é possível imaginar uma cerimônia de casamento sem um fotógrafo (seja profissional ou não), pois o casamento é um rito de passagem digno de ser registrado, rememorado e comemorado. Com o advento da fotografia digital, amplia-se exponencialmente a quantidade de imagens que "narram" a cerimônia de casamento, disponibilizadas através de diversos canais privados (computadores, álbuns digitais, máquinas fotográficas, HDs, etc.) e públicos (redes sociais e plataformas de gerenciamento e compartilhamento de imagens).

O *Flickr* é um desses canais na internet que disponibilizam fotografias de casamento. Utilizado majoritariamente por fotógrafos, profissionais e amadores, que compartilham imagens diversas, as imagens do site costumam ser marcadas por “tags” que identificam o conteúdo e o assunto das fotografias. A tag “*wedding*” tem cerca de 10 milhões de referências, configurando-se como um dos “assuntos” de maior produção imagética de seu acervo (perto das palavras-chave “filhos”, “viagens”, “arte”). A partir da análise de algumas fotografias de casamento no *Flickr*, é possível identificar como a fotografia digital e seu compartilhamento em rede na internet transformou a fotografia em uma ferramenta na formação da identidade de um indivíduo e de sua comunicabilidade, a qual reverbera pela sociedade visões de mundo, sentimentos, valores, e claro, papéis de gênero, especialmente em relação à noiva (MOREIRA, 2011). Figura central na produção de imagens sobre o ritual do casamento, a figura da noiva encarna diversos modelos sobre os significados do casamento, atribuições domésticas e conjugais femininas e masculinas e divisão de papéis na sociedade. No *Flickr*, encontramos milhares de formas de narrar visualmente a noiva e, por extensão, de se apropriar de tais modelos sociais a partir da cerimônia de casamento, de seu registro e, sobretudo, de seu compartilhamento virtual. Algumas dessas imagens coincidem com estereótipos convencionais amplamente codificados no imaginário social, atribuindo pureza, serenidade, afeto e beleza à mulher, que, vestida de noiva, prepara-se para iniciar uma vida “feliz para sempre” ao lado de seu futuro marido. Outras, porém, deslocam parcialmente esse modelo, elaborando complexificações e descrevendo visualmente nuances e até mesmo inversões nos papéis femininos e masculinos mais tradicionais. Alguns desses exemplos mais marcantes são as fotografias de casamentos gays, com a presença de duas noivas ou a ausência dessa figura tão emblemática nos rituais de casamento.

FOTOGRAFIA E CASAMENTO

O casamento é parte do complexo institucional mais amplo da família e se constitui como um rito de passagem. Enquanto instituição social, o casamento é produtor de ordenamento e regulação da sexualidade, do controle da natalidade (THERBORN, 2006, p. 198), e também do amor romântico que passou a orientar as ações dos indivíduos na sociedade ocidental a partir do século XVIII. Enquanto rito de passagem, o casamento é o evento no qual os noivos tornam pública a mudança do estado de solteiro a casado. O ritual do casamento permite o reconhecimento social da mudança de status, uma vez que biológica e/ou esteticamente não há marcas. A presença da família e dos amigos

na celebração funciona como autorização, aprovação social da passagem. Um dos objetivos do rito é o reforço do vínculo entre o casal, assim como a continuidade e crença em certos valores sociais. Talvez uma das coisas mais determinantes na exigência e no sonho de se casar, esteja relacionada à busca de proteção e pertencimento. Segundo Féres-Carneiro (1998), na sociologia da família, “o casamento serve como proteção contra a anomia do indivíduo. Sendo um instrumento de construção nômica, o casamento tem como função social criar para o indivíduo uma determinada ordem, para que ele possa experimentar a vida com um certo sentido”.

Nessa direção, o casamento é uma ação que se espera, se busca e se valoriza na sociedade. Por isso mesmo, o evento casamento tem muita força enquanto rito de passagem e em sua encenação. O casamento é, então, “um ato dramático, no qual dois estranhos, portadores de um passado individual diferente, se encontram e se redefinem. O drama do ato é internamente antecipado e socialmente legitimado muito antes de ele acontecer na biografia dos indivíduos” (FÉRES-CARNEIRO, 1998). O casamento é sonho e desejo construído *no* ou *pelo* imaginário social.

A dramatização se materializa nas diversas etapas da cerimônia de casamento que, registradas e disponibilizadas permitem construções de memórias coletivas e individuais, permeadas de símbolos, afetos e marcadores. A consagração do ritual - encenada na entrada triunfal da noiva no local espiritualizado onde a cerimônia se realiza - é evento “fotografável” e documento de uma narrativa pessoal que produz e reproduz imaginários sobre o casamento e sobre a vida do novo casal que nesse momento (o momento da foto) se forma. A fotografia de casamento, enquanto artefato cultural, reverbera pela sociedade visões de mundo, sentimentos, valores, e claro, papéis de gênero. A fotografia tanto é expressão, como documento, depende do olhar que a direcionamos (SOULAGES, 2010).

Porém, o casamento nem sempre teve o mesmo significado e regras. A busca por proteção e pertencimento passou por vínculos que nem sempre estiveram ligados ao amor entre duas pessoas. Até o século XVII, existia uma separação entre o amor carnal e o amor conjugal (ARIÈS, 1985). Em geral, o casamento era uma via de união entre famílias e não uma forma de se obter realização e satisfação pessoal. Existia uma oposição entre amor-paixão extra-conjugal e o matrimônio. Porém, a partir do século XVIII, há uma aproximação entre essas duas formas de amor e um novo ideal de casamento vai-se constituindo aos poucos no Ocidente, em que se impõe aos conjugues que se amem

ou que pareçam se amar, e que tenham expectativas a respeito do amor. O erotismo extraconjugal entra no casamento e o amor-paixão é visto como modelo. Hoje, ninguém duvida da dignidade do amor conjugal. A sociedade contemporânea não aceita mais que alguém possa se casar sem desejo e sem amor (FÉRES-CARNEIRO, 1998). É na relação entre duas pessoas que se abre o espaço para experiências de amor, intimidade, respeito, acolhimento e responsabilidade que abrigam os sentimentos de proteção e pertencimento, que conduz ao casamento. Essa mudança possibilita que a família se torne o lugar do afeto, do amor e da sexualidade. O amor se romantiza e o casamento também, englobando sexo e toda uma ampla (e instável) demarcação de papéis femininos e masculinos.

As mudanças no amor, na sexualidade e no casamento, que passaram a ter como princípio a democracia e a igualdade sexual e emocional, estão diretamente relacionadas às mulheres. Para Giddens (1993, p. 50),

o amor romântico pela primeira vez vinculou o amor com liberdade, ambos sendo considerados como estados normativamente desejáveis. (...) Os ideais do amor romântico, ao contrário, inseriram-se diretamente nos laços emergentes entre a liberdade e a auto-realização.

Esse amor romântico, sublime, prevalece sobre o ardor sexual, “o amor rompe com a sexualidade, embora a abarque; a “virtude” começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como especial” (GIDDENS, 1993, p. 51). É preciso distinguir o amor do desejo sexual puro e simples. O amor romântico precisa de todo um processo de interesse por alguém que pode vir a completar a vida do outro, garantindo segurança psicológica, e, num certo sentido, o controle do futuro. O amor romântico está associado a uma idéia de liberdade e passou a ser o sonho das mulheres a partir do século XVIII, e no século XIX enchia as livrarias de romances e novelas com o tema, ocasionando um duplo impacto. Por um lado, as mulheres ganharam direito à sua sexualidade e à reivindicação de espaços historicamente ocupados exclusivamente por homens. Por outro, nesse processo de encontrar lugar na sociedade, o amor romântico ajudou as mulheres a encontrarem um espaço próprio: o “lar” (GIDDENS, 1993, p.10).

O segundo impacto a que se refere Giddens está ligado a mudanças nas relações entre pais e filhos e na invenção da maternidade. Quando a revolução industrial leva o homem e pai para trabalhar fora de casa, a mulher passa a ser responsável pela criação dos filhos. Aqui acontece uma passagem da família patriarcal para a afeição maternal.

Essa associação da maternidade à feminilidade estava diretamente ligada aos valores do amor romântico, e reforçou a idéia da existência de dois sexos, que correspondem a papéis diferentes tanto nas atividades quanto nos sentimentos.

Pensar o feminino como um papel de gênero implica em assumir que para além das diferenças sexuais anatômicas entre homens e mulheres, existe uma configuração social que está “integrada às redes de relações institucionais e culturais em que se inserem o sujeito e a família” (NEGREIROS e FÉRES-CARNEIRO, 2004), que funcionam como construções históricas na construção dos gêneros. Enquanto papel, o gênero pode ser entendido como um conjunto de proibições, interdições, exclusões, e também de imposições, regras para uma inserção social, que acaba por determinar o que é próprio para o homem e para a mulher. É claro, que enquanto construções históricas temos que ter em mente que há uma transmissão de geração a geração, que ao mesmo tempo que vai ganhando novas configurações, mantém um forte vínculo com o passado. Nessa direção, “a dicotomia sexual homem-mulher com características e peculiaridades exclusivas - assumida por pais, familiares, escola, meios de comunicação e sociedade em geral, é incorporada como uma forte formação, através do desenvolvimento humano” (NEGREIROS e FÉRES-CARNEIRO, 2004), portanto esperamos e orientamos desempenhos diferenciais. Para os meninos, a orientação é para que sejam fortes, agressivos, competentes e dominadores. Uma orientação voltada para a instrumentalização das ações, correspondendo a respostas impessoais. Já as meninas, são orientadas para respostas pessoais, com forte ênfase na sensibilidade, afetuosidade, com foco na ternura e bem-estar dos outros (NEGREIROS e FÉRES-CARNEIRO, 2004). Atualmente, apesar de haver um forte movimento entre estudiosos de sexualidade e gênero em conter essa visão dicotômica homem-mulher, ainda prevalece uma visão exclusivista entre os papéis de gênero.

Para o nosso trabalho, o ponto a ser fixado é que o desenvolvimento desse processo igualitário nas relações faz parte da negociação entre os valores e expectativas do casamento, e, por conseguinte, nas formas de *representar* o casamento. A dominação masculina presente no casamento tradicional está sendo reformulada a partir da reivindicação feminina por igualdade e por outros modelos de relação, e, sobretudo pela relativização da indissolubilidade do casamento. Diversas estratégias são acionadas nas fotografias para relativizar esse componente patriarcal do casamento e construir narrativas alternativas tanto para o registro imagético das cerimônias (e das noivas), quanto para deslocar também o próprio universo de produção de imagens.

A sociedade contemporânea é permeada no seu cotidiano por vários tipos de imagens, o que nos coloca diante da visualidade de uma época, de seus padrões visuais, das formas de ver e ser visto, ao mesmo tempo em que nos indica uma forma de olhar o mundo, de compreender a realidade e de influenciar as ações dos sujeitos sociais. Como aponta Sontag (2004, p. 33), “num mundo regido por imagens fotográficas, todas as margens (‘enquadramento’) parecem arbitrárias”.

Em um dos diversos álbuns de casamento no *Flickr* podemos encontrar, por exemplo, uma foto na qual o beijo do casal de noivos é apresentada por uma dupla moldura: o enquadramento da própria margem da fotografia e uma moldura vazia de, segurada ironicamente pela noiva, que aproxima o foco da atenção para os perfis do casal¹. A moldura física da foto não é apenas sobre o enquadramento implícito no ato fotográfico, mas, sobretudo sobre suas formas de exposição, que passou a ser parte “constitutiva da realidade contemporânea, e nesse sentido, é, de certo modo, objeto e também sujeito” (MARTINS, 2009, p. 23). Indo além, o jogo com a moldura *dentro* de uma foto de casamento altera também os sentidos do próprio ritual de casamento e do que se mostra como fotografável ou não fotografável. Acionar o humor para segurar a moldura que enquadra o beijo de casamento pode, em certa medida, enfraquecer as molduras que prendem os papéis sexuais determinados e esperados pelo próprio ato do casamento. Isso, é claro, é apenas uma possibilidade entre muitas. O que é importante aqui é exatamente o acionamento da fotografia para abrir releituras em modelos (molduras) simbólicas historicamente circunscritas.

Para Sorlim (1994), só vemos em uma fotografia aquilo que desejamos ver. Se por um lado podemos afirmar que as imagens carregam significados que podem ser atribuídos pelas convenções e signos que estariam na imagem em si, por outro lado não podemos deixar de falar que “olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janelas da alma” (CHAUÍ, 1998). Quando vemos uma imagem ou buscamos *algo* ou somos seduzidos por *algo* que desloca o nosso pensamento, e nos permitimos imaginar, viver uma cena. Dessa forma nos colocamos em relação com a imagem, que por sua vez nos coloca diante de nossa existência no mundo. A imagem se transforma em figuração de desejos ou conflitos.

Porém, mesmo com todas essas nuances e aberturas de significados, não podemos negar que o casamento formal para constituir família é uma referência forte na nossa

sociedade. Nesse sentido, o casamento processa e redefine diversas tensões, valores, idéias, sentimentos constituintes e constituídos da/pela sociedade, e por isso mesmo permanece uma instituição forte e importante. De acordo com Theorborn (2006), 60% da população mundial vivem em situação marital. Essa estatística significa que havia mais pessoas casadas na época de sua pesquisa do que há 150 anos. Nessa perspectiva, o casamento tem história, passado e memória que são acionados na encenação do ato e na elaboração de suas representações e narrativas. A possibilidade concreta de outras formas de relacionamento redefiniu o valor simbólico do casamento. Atualmente, resolver se unir a outra pessoa através da formalização do casamento pode significar um reforço do compromisso de longevidade, aposta futura, amor romântico e batalha perante a vida, em oposição a outras formas de “amor líquido” (BAUMAN, 2004). Apesar das mudanças que a luta feminina/feminista vem conseguindo em relação aos direitos das mulheres, acreditamos que o casamento ainda hoje é tido como algo próprio ao mundo feminino, que reforça o papel desempenhado pela mulher como dependente, sensível e afetuosa (NEGREIROS e FÉRES-CARNEIRO, 2004). O amor romântico e o casamento colocaram a mulher no lar, no mundo da interioridade e do afeto.

TENSIONANDO OS PAPÉIS

O casamento gay é uma possibilidade na sociedade contemporânea, “que evoca temores com relação à sobrevivência da instituição em seu papel de mantenedor de toda uma ordem social, hierarquia entre os sexos, meio para a transmissão de propriedade e, principalmente, valores tradicionais” (MISKOLCI, 2007, p. 104). De várias formas fomos construindo historicamente um imaginário sobre gays que os colocam no papel de questionadores, desviantes, e nesse sentido imaginamos pessoas criativas que não se preocupam tanto em seguir padrões normalizantes. Talvez esperássemos uma performance irreverente, que colocasse em xeque o lugar da família e do casamento de outra forma.

No entanto, os gays sempre foram alvo de preconceitos e estigmas, especialmente no que se refere à sexualidade. O surgimento da Aids nos anos 1980 e sua disseminação entre gays reforçou a estigmatização social em torno deles. O casamento gay seria uma forma de normalização social do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Nesse sentido, as fotografias de casamento são essenciais, não só por acionar todo o repertório afetivo que nos permite reconhecer a cerimônia, mas principalmente porque as fotos enquanto constituidoras e comunicadoras de nossa identidade, de nossa autobiografia

cria um “imaginário sensível capaz de seduzir, de tocar emocionalmente, de falar, de interpretar outros inconscientes ou ainda de convencer racionalmente” (JOSSO, 2007, p. 433). As imagens geram sensações, reações nos espectadores. Para Schapochnik (1998, p. 459), “a eficácia da imagem fotográfica repousa na sua capacidade de mesclar a estranheza do que mostra com a intimidade de nossa memória, ela guarda uma proximidade com o acervo de nossas recordações pessoais”. No caso específico do casamento gay, a fotografia como forma de ver e pensar o mundo é, ao mesmo tempo, um mecanismo de aceitação, participação e de transformação. Talvez seja mesmo o desejo de fazer parte de um grupo maior. A fotografia disponibilizada na *web* busca também atender a desejos pessoais de reconhecimento e aprovação pelos outros (MOREIRA, 2011).

Dawn e Jennifer se casaram em setembro de 2009, em Nova Iorque. Dawn mantém o blog *The alternative bride* desde dezembro de 2008, recheado de postagens sobre símbolos próprios da celebração de casamentos². Da mesma forma no blog é possível ver diversas fotos do seu casamento com Jennifer, o qual seguiu todos os preceitos que conhecemos: formalização da união, dama, buquê(s) de flores, vestido(s) de noiva(s), recepção, bolo, primeira dança, jogar buquês, brinde entre as noivas.

Se concordamos que a noiva é figura central na cerimônia de casamento, a configuração tradicional de um casamento com duas noivas é, ao mesmo tempo, uma torção radical nos códigos heteronormativos do próprio casamento e, paradoxalmente, uma intensificação igualmente incisiva do maior símbolo da união amorosa-sexual-afetiva entre duas pessoas. Ao ver as fotografias do casamento de Dawn e Jennifer, ficamos imaginando a entrada triunfal das duas noivas sob o som grandioso da *Marcha Nupcial* de Richard Wagner, numa pletora de códigos convencionais sobre o casamento, ressignificados exatamente pelo inusitado exagero de duplicação de seu maior símbolo.

As fotos do casamento de Dawn e Jennifer também integram o álbum intitulado *weddings* do fotógrafo Daniel Krieger na plataforma *Flickr*. São parte do portfólio do fotógrafo, uma apresentação de seu trabalho para casamentos. Essa informação poderia esvaziar a mediação que a fotografia realiza na formação da identidade e no intuito comunicador dessa identidade e de seu caráter biográfico, uma vez que elas poderiam ser tomadas como propaganda e não como documento de *si*. Por outro lado, a escolha por parte do fotógrafo de exibir o álbum do casamento homossexual reforça a ideia romântica do casamento como rito do amor e do seu ritual como marco social de institucionalização legítima da união afetiva. O que o fotógrafo afirma com as fotos e sua exibição é

exatamente a crença na permanência do ritual e, sobretudo, do registro fotográfico do ritual. Indo mais além, a plataforma funciona como vitrine da fotografia e da realidade que a foto cria. O portfolio do fotógrafo se amplia em clientes potenciais pois inclui os homossexuais em seu público, ao mesmo tempo em que afirma sua prática social e política isenta de preconceitos.

Seja em álbuns pessoais ou em álbuns de fotógrafos profissionais, o conjunto de fotografias de casamento que circula no *Flickr* amplia a consciência que se tem da fotografia enquanto parte constitutiva da visualidade e da manifestação coletiva de compartilhamento de idéias, valores e pertencimento, que envolve disputas, conflitos e negociações sociais.

O *Flickr* potencializa o papel da foto como documento de si, parte importante na formação da identidade e da subjetividade, mas também do afeto. O tradicional baú de recordações assumiu a forma de objetos digitais. As tecnologias digitais mudaram o modo como enquadramos o nosso passado, sua visibilidade e comunicação, “nesses moldes, o arquivo pessoal ganha vantagem em função do acesso, da visibilidade e do alcance” (SÁ, 2008, p. 5). Essa dimensão arquivística é influenciada pela obsessão em torno da preservação da memória mediada nos meios digitais. O armazenamento de fotos no *Flickr* é infinitamente maior que um álbum de papel e as imagens podem ser acessadas a qualquer momento, reforçando o papel da fotografia na constituição da subjetividade. O acesso fácil, tanto para reforçar a visibilidade da foto, quanto para excluir, se preciso, e todas as ferramentas disponíveis participam da formação da identidade.

O compartilhamento de fotografias funciona como formador de sentimentos e de identidade pessoal, “uma das principais funções tem sido a de sincronizar a experiência subjetiva com a dos outros, a confrontação dos juízos de valor com os do mundo exterior” (SÁ, 2008, p. 6). O ato de fotografar não é mais uma representação descritiva calcada no modelo evolutivo, mas sim uma forma de ver reconhecido valores implícitos ao casamento, que reforçam a intenção de durabilidade da união e da crença no amor. As imagens ao serem compartilhadas no *Flickr* orientam a memória futura e a formação da identidade, mas também amplificam o afeto. Uma das coisas que se compartilha com as fotos são os afetos.

A fotografia de casamento como uma forma de ver e pensar o mundo, portadora de valores, conflitos e emoções, e como formadoras da identidade ao ser compartilhada

publicamente no *Flickr* deixa de ser apenas parte da biografia de um indivíduo para se tornar parte da memória social. A circulação dessas imagens influencia o imaginário em torno do casamento e do amor, despertando desejos e vontade de viver o que se vê. O *Flickr* atualiza o passado, orienta a identidade e é uma ferramenta de memória futura.

Quando Dawn e Jennifer e muitas outras mulheres assumem o papel de noiva, elas desejam nos dizer que *tonaram-se* noivas através dos códigos e convenções. As fotografias não as apresentam apenas como noivas, mas como mulheres que se tornaram noivas (MOREIRA, 2011, p. 105). É uma performance diante da multiplicidade de papéis possíveis para um indivíduo na nossa sociedade. A fotografia deixou de ser uma descrição do que se é, e passou a ser aquilo que se quer ser, possibilitando às noivas tornarem-se mulheres afetuosas, pertencentes ao mundo do sensível e que suas relações sejam imbuídas das melhores intenções e dignas do amor conjugal, especialmente para Dawn e Jennifer.

CONCLUSÃO

A fotografia (de casamento) é uma das formas de memória mediada, que para além da função de garantir a rememoração no futuro, está alinhada com a temporalidade de nosso tempo, retirando o peso de uma representação calcada na evolução pessoal da idéia que temos da identidade como uma descrição do que se é, e acolhendo a idéia de que possuímos uma identidade em constante construção. É parte do processo de construção da identidade, comunicadora dessa identidade e uma das formas de representar o amor e as questões relativas ao papel de gênero e da sexualidade que marcam o imaginário social - com a forma como queremos dar a ver o amor, e nossa relação com as imagens. O *Flickr* potencializa o papel da foto como documento de si, parte importante na formação da identidade e da subjetividade, mas também do afeto.

O tradicional baú de recordações assumiu a forma de objetos digitais. As tecnologias digitais mudaram o modo como enquadramos o nosso passado, sua visibilidade e comunicação, “nesses moldes, o arquivo pessoal ganha vantagem em função do acesso, da visibilidade e do alcance” (SÁ, 2008, p. 5). Essa dimensão arquivística é influenciada pela obsessão em torno da preservação da memória mediada nos meios digitais. O armazenamento de fotos no *Flickr* é infinitamente maior que um álbum de papel e as imagens podem ser acessadas a qualquer momento, reforçando o papel da fotografia na constituição da subjetividade. O acesso fácil, tanto para reforçar a visibilidade da

foto, quanto para excluir, se preciso, e todas as ferramentas disponíveis participam da formação da identidade.

O compartilhamento de fotografias funciona como formador de sentimentos e de identidade pessoal, “uma das principais funções tem sido a de sincronizar a experiência subjetiva com a dos outros, a confrontação dos juízos de valor com os do mundo exterior” (SÁ, 2008, p. 6). A fotografia de casamento não é mais uma representação descritiva, mas sim uma forma de ver reconhecido valores implícitos ao casamento, que reforçam a intenção de durabilidade da união e da crença no amor. As imagens ao serem compartilhadas no Flickr orientam a memória futura e a formação da identidade, mas também amplificam o afeto. Uma das coisas que se compartilha com as fotos são os afetos.

A fotografia de casamento como uma forma de ver e pensar o mundo, portadora de valores, conflitos e emoções, e como formadoras da identidade ao ser compartilhada publicamente no *Flickr* deixa de ser apenas parte da biografia de um indivíduo para se tornar parte da memória social. A circulação dessas imagens influencia o imaginário em torno do casamento e do amor, despertando desejos e vontade de viver o que se vê. O *Flickr* atualiza o passado, orienta a identidade e é uma ferramenta de memória futura, pois as imagens compartilhadas serão reapropriadas e ressignificadas em novas formas de se amar.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. “O amor no casamento”. IN: **Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia das sexualidades**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2004.

CHAUÍ, Marilena. “Janela da Alma, Espelho do Mundo”. IN: NOVAES, Adauto (org) **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso Acessos em 18 jul. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), set./dez. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2741/2088> Acesso em julho de 2015.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, jun. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100006&lng=pt&nrm=iso Acessos em 18 jul. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100006>.

MOREIRA, Gabrielle. **Casar, fotografar, compartilhar, lembrar: fotografia de casamento no Flickr**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFPE. Recife: UFPE, 2011.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso Acessos em 18 jul. 2015.

ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho**. Comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad Ed, 1995.

SÁ, Alberto. A *web 2.0* e a meta-memória. Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008). **Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação** entre 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho). Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/131/127> Acesso em julho de 2015.

SCHAPOCHNIK, Nelson. "Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade". IN: NOVAIS, F. (coord.). **História da vida privada no Brasil**, vol.3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. IN: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 7, jul. 1994. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1968/1107> Acesso em julho de 2015.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. IN: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 7, jul. 1994. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1968/1107> Acesso em julho de 2015.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**. Perda e permanência. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.

NOTAS

1. A foto pode ser acessada no Flickr através do link: <https://www.flickr.com/photos/yftoad/4798892776/in/album-72157624513279090/> Acesso em julho de 2015.
2. As fotos de Dawn e Jennifer podem ser acessadas no Flickr em <https://www.flickr.com/photos/smoothdude/sets/1763917> Acesso em julho de 2015. O blog *The Alternative Bride* está ativo em: <http://thealternativebride.blogspot.com>

Artigo recebido em: 19-07-2015

Artigo aprovado em: 10-11-2015